



» Entrevista | OLEKSANDRA MATVIICHUK | NOBEL DA PAZ

"Não temos escolha a não ser lutar"

A ucraniana afirma que seu país tem a obrigação moral de proteger a população das áreas ocupadas pela Rússia. A advogada cobra coragem de líderes internacionais, inclusive do presidente Lula, na pressão por julgamento de Putin

» RODRIGO CRAVEIRO

Chefe da organização não governamental ucraniana Centro pelas Liberdades Civis (CCL), uma das ganhadoras do Prêmio Nobel da Paz em 2022, Oleksandra Matviichuk, 39 anos, alerta: "(O presidente russo Vladimir) Putin só vai parar quando for parado". Em entrevista ao **Correio**, por telefone, ela afirmou que a Ucrânia quer o fim da guerra mais do que ninguém. No entanto, advertiu: "A paz não virá em um país que, depois de ser invadido, parar de combater." A advogada e ativista dos direitos humanos cobrou bravura de líderes internacionais para apoiarem o Tribunal Penal Internacional (TPI), em Haia, em um eventual julgamento de Putin por crimes de guerra. E enviou um recado ao presidente brasileiro, Luiz Inácio Lula da Silva, que causou polêmica ao fazer declarações sobre a invasão à Ucrânia. "Esperamos dele coragem e responsabilidade histórica para apoiar a democracia ucraniana", afirmou Matviichuk. Ela denunciou a deportação de crianças ucranianas para a Rússia e as violações sistemáticas, por parte das forças de Moscou, do direito humanitário internacional.

Como a senhora vê as denúncias de que soldados invasores deportaram crianças ucranianas para a Rússia?

Quando falamos sobre a deportação ilegal de crianças ucranianas da Ucrânia para a Rússia, falamos de um número enorme. É difícil não saber o que está ocorrendo. Nós estamos cientes de vários casos e sabemos de cada um deles em detalhes.

Com a iminência da contraofensiva da Ucrânia, a senhora espera muito mais violações dos direitos humanos no campo de batalha?

Nós estamos em uma fase importante da guerra. Mesmo sem a contraofensiva, a Rússia ataca — de forma frequente — cidades ucranianas e assassina civis. Os terroristas russos ainda ocupam nossos territórios. Mesmo antes da contraofensiva, o nível de violações dos direitos humanos é bastante alto.

Em 438 dias de guerra, quais foram as violações mais graves registradas por sua ONG?

A Rússia abertamente violou o direito humanitário internacional ao ignorar as decisões das organizações internacionais. Eu citaria que, no ano passado, o Tribunal Penal Internacional ordenou que as tropas russas imediatamente abandonassem o território ucraniano. No entanto, a Rússia negligenciou essa decisão da Corte de Haia. Nós observamos que o sistema das Nações Unidas não pode deter as atrocidades da Rússia. É difícil dizer qual a violação dos direitos humanos mais grave. Isso porque a Rússia violou várias normas do direito humanitário internacional e é muito difícil aferir o nível de dor humana que ela infligiu.

Na sua opinião, qual é o roteiro para a paz na Ucrânia?

Putin somente vai parar quando ele for parado. A Ucrânia quer a paz mais do

que qualquer um. A paz não virá em um país que, depois de ser invadido, parar de combater. Em tal cenário, não haverá paz, mas ocupação. Não temos outra escolha a não ser lutar. Nós estamos lutando pelas pessoas que vivem nos territórios sob ocupação. Não temos o direito moral de deixar essas pessoas sozinhas, à mercê da tortura e da morte.

A senhora acredita que Putin realmente poderá responder pelos crimes em Haia?

Nós temos todas as provisões necessárias do direito internacional para processar Putin por crimes de guerra que ele e o Exército russo cometeram na Ucrânia. O que nós precisamos é de bravura e responsabilidade histórica. Precisamos que líderes de diferentes nações apoiem os esforços do Tribunal Penal Internacional. Precisamos de líderes que entendam que, em uma perspectiva de longo prazo, viver em um mundo onde países com forte poderio militar e nuclear ditam as normas para o restante da comunidade internacional será perigoso para todos, sem exceção.

Que posicionamento a senhora espera do presidente brasileiro, Luiz Inácio Lula da Silva?

Esperamos dele coragem e responsabilidade histórica para apoiar a democracia ucraniana contra o autoritarismo russo.

Lula deu declarações consideradas controversas sobre a invasão à Ucrânia...

Essa não é uma guerra apenas entre Estados. É uma guerra entre dois sistemas: autoritarismo e democracia. Putin tenta convencer o mundo inteiro que a democracia, o Estado de direito e os direitos humanos são valores falsos, porque eles não podem protegê-lo durante a guerra. Ele tenta convencer o mundo de que um Estado forte, com potencial mili-

Sergei Capon/AFP



O que nós precisamos é de bravura e responsabilidade histórica. Precisamos que líderes de diferentes nações apoiem os esforços do Tribunal Penal Internacional"

tar e armas nucleares, pode ditar suas regras a toda a comunidade internacional e até mesmo forçosamente mudar as fronteiras internacionais. Isso não é um problema apenas para a Ucrânia, mas para todo o mundo. Se não formos capazes de restaurar, em um futuro próximo, a ordem internacional e defender a dignidade humana, enviaremos um mau sinal a outras partes do mundo. Nós nos encontraremos numa situação em que não poderemos defender a nossa população e

fornecer a ela garantias de segurança e de defesa dos direitos humanos. Como eu disse, será um mundo dominado pela força, e esse mundo será perigoso para todos, sem exceção. Por isso, nós contamos com o apoio de todos os países que expressam os mesmos valores — solidariedade e respeito à dignidade humana. Valores não se limitam a fronteiras nacionais. A situação da guerra da Rússia contra a Ucrânia terá um impacto enorme sobre o mundo que gostamos.

Paulo Delgado



contato@paulodelgado.com.br

A sociedade em rede avança

A produção de mercadoria produz também relação social. E constrói seus símbolos nas ruas, cidades e prédios. A universalização do capitalismo moderno, com códigos de comunicação harmonizados e de desempenho dinâmico e semelhante, são nós de um mesmo sistema mundial. Produzem estruturas integradas em rede que não se importam com as ameaças que seu desequilíbrio contém. O principal elemento desses nós são as pessoas como produtos materiais usados em excesso. E o excesso produz tensão e frustração. Estão aí as novas doenças, fruto da coerção do progresso. A rede tem uma pretensão de

racionalidade, flexibilidade, adaptabilidade, desconstrução e reconstrução contínuas e não suporta o quanto afeta as relações sociais, de poder e de gosto. Novas estruturas institucionais e apetites movimentam e desorientam o ser humano como nunca antes na história. A sociedade em rede, impulsionada pela evolução tecnológica, misturando produção econômica, evolução social e comportamental, impõe processos sociais, modos de pensamento, dando forma à própria estrutura social.

Quem tem força para renunciar ao amor pela moda? Quem está disposto a buscar saída para o inevitável?

A superação da sociedade industrial, do saber técnico individual, da imposição da passividade diante das mudanças, não é só reflexo da dinâmica econômica em curso. É, principalmente, a imposição de uma era de informação interativa e multimídia de consumo e organização de tarefas. A nova ordem mundial desmonta o tempo cronológico e fragmenta na cabeça das pessoas uma nova noção de temporalidade, adoração da velocidade, o real automático, total disponibilidade para a conveniência das redes, sem fusos horários, dia-noite ou distância.

A fuga da emoção e da cultura ao tempo é a maior conquista até agora deste mundo veloz e conectado. Mas o mundo instantâneo é o maior fracasso da geração atual, a ser deixado para crianças e jovens como um valor de uso. A compreensão do tempo e a indiferença em relação à sua passagem pela natureza não ajudam na coesão social. Foi

a sabedoria do espírito aberto de pessoas livres que formou famílias e comunidades, deixou as crianças crescerem em paz, pois aquilo que ocorre porque é bom, ocorre naturalmente. Hoje, porém, o conceito de bom está evaporando na cara de todos, a cada dia. Até que o sangue vire água, e os jogos divertidos da comunicação instantânea e o mundo on-line dos aparelhos tirem da nova geração a percepção livre, o olho para discernir e o coração para revelar.

O sistema de redes prospera melhor na sociedade sem raiz, saturada por fluxos diários de comunicação e informação. Reflexo disso na arquitetura e no design de vanguarda são os escritórios sem limite, hall de hotéis, hospitais, estações de trem e metrô, saguão de aeroportos, espaços abertos enormes, claríssimos, de vidro, tela transparente de TV, prédios espelhados — onde os passarinhos morrem ao bater no céu artificial

que projetam —, raríssimos sofás modulares perdidos dentro de um átrio gigantesco. Conduzindo todos para a identificação biométrica que captura, sem interesse, relações sociais perdidas no tempo, e as faz sem história, um mais um a circular por símbolos de uma arquitetura que reflete, no espaço que ocupa, a insignificância da pessoa diante da alta tecnologia.

O real imaginário não é mais um faz de conta. Pessoas sensíveis, com recursos e bom gosto, dotadas de alguma memória afetiva, buscam algum sentido para criar sua família e viver em ambiente não massificado. Os milagres da multimídia não são milagres, como o faz de conta não é realidade. Em busca de realidades que não foram despojadas de seu sentido cultural, histórico e geográfico, cada vez mais pessoas querem compartilhar o tempo com os outros. Saem à procura de bairros que ouviram falar, cidades perdi-

das no tempo, com alguma personalidade, para fugir de domicílio eletrônico, poder interagir sem ser receptor de interação, fazer seu próprio horário nobre e não viver o horário nobre da tv.

Quando tudo é igual, tudo é lugar nenhum. É o risco que já enfrentamos as tentativas de fugir ao processo uniformizante de urbanização e o paisagismo artificial que corretores vendem como se fossem a Rambla de Barcelona ou uma aldeia charmosa de subúrbio inglês. Não alertam seus moradores de que, após os piores congestionamentos possíveis, serão conduzidos a um Monte Carlo simbólico, canto virtual de uma megacidade real.

A modernidade em rede se anuncia selvagem diante da humanidade. A alegria da aparência, ser parte do jogo, usado como enfeite. É pouco para um ser humano.

» PAULO DELGADO é sociólogo